

A Formação de Professores no PIBID Música TOCA: as experiências e as interações nas escolas

Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo
Universidade de Brasília
criscarvalhocazevedo@gmail.com

Verônica Gurgel Bezerra
Escola Parque 210/211 Norte
vgbveronica@gmail.com

Flávia Motoyama Narita
Universidade de Brasília
flavnarita@yahoo.com.br

João Vítor Costa Barros Alves
Universidade de Brasília
victor_0206@hotmail.com

Paulo Gabriel Rodrigues Coutinho
Universidade de Brasília
pgpgyeah@gmail.com

André Felipe Gouvea Roman
Universidade de Brasília
andreroman913@gmail.com

Eduardo Lucchesi Scano
Universidade de Brasília
edu.scano@hotmail.com

Lucas Souza Pinheiro
Universidade de Brasília
lukasdelux@hotmail.com

Joabson Antonio de Sousa Silva
Universidade de Brasília
joabson.sousasilva@gmail.com

Luciano Pereira dos Santos
Universidade de Brasília
lucianodaguitarra@yahoo.com.br

Gabriel Alexandre dos Santos
Universidade de Brasília
gabriel.alexans@gmail.com

Simpósio

Resumo do simpósio: O Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) tem viabilizado o contato direto dos licenciandos de música com a realidade da Educação Básica e do trabalho docente. Na Universidade de Brasília, o PIBID entrou na rotina acadêmica do curso de Licenciatura em Música em 2011, quando a CAPES lançou o Edital PIBID nº 001/2011/Capes. Em 2013, o subprojeto PIBID Música, denominado TOCA, foi renovado e ampliado. A proposta do programa integra princípios orientadores do curso de formação de professores: 1) a integração prático-teórica; 2) o ensinar em situação pedagógica (TERRIEN; CARVALHO, 2009; TARDIF, 2002) e 3) a reflexão e pesquisa sobre a prática docente (SCHÖN, 2000). O contato direto com a escola, seus mestres e aprendizes é imprescindível para compreender o que é ensinar e desenvolver estratégias coletivas de ensino e aprendizagem da música. Neste simpósio, nosso objetivo é apresentar e discutir essa experiência em três escolas de Educação Básica - Escola Parque 210/211 Sul; Escola Parque 210/211 Norte e Centro de Ensino Fundamental CASEB - a partir dos relatos das professoras supervisoras e bolsistas de iniciação à docência. Nas escolas, tem sido realizado um trabalho colaborativo de formação e ação entre a universidade (coordenadoras), as professoras na escola (professoras supervisoras) e os licenciandos (bolsistas de iniciação à docência). A proposta do PIBID Música objetiva: a) conhecer a realidade escolar (pesquisa quali-quantitativa, oficinas aulas, concertos didáticos); b) consolidar princípios e estratégias de ensino e aprendizagem musical para inserção da música na Educação Básica; c) desenvolver material didático e d) estimular formação continuada dos professores em serviço. A metodologia de trabalho envolve o desenvolvimento de uma proposta pedagógica integrada com a escola e a professora supervisora. Para tanto, são realizados encontros coletivos semanais quando são discutidos o planejamento, a reflexão sobre a prática e a formação colaborativa. As reflexões são estimuladas pelas situações-problemas vivenciadas nas escolas. Apesar de estarem situadas na mesma região socioeconômica, as três escolas apresentam projeto político-pedagógico específico e perfil de aluno diversificado, por isso cada situação é singular e social. Duas escolas oferecem aulas de música para o ensino fundamental 1 e a outra para o o ensino fundamental 2. Em cada escola atuam 5 pibidianos que estão entre o segundo e sétimo semestre da Licenciatura. Os relatos deste Simpósio foram escritos de forma colaborativa por eles, pelas professoras supervisoras e coordenadoras. O simpósio apresenta as características das escolas, seu público alvo, a proposta pedagógico-musical do PIBID, as impressões e reflexões sobre a experiência e a interação universidade-escola. Dentre as reflexões apresentadas é importante destacar a transformação dos valores, das crenças e das concepções dos estudantes, principalmente, no que se refere à interação professor-aluno e à relação de ambos com o fazer musical e a aprendizagem musical. Os licenciandos do PIBID

destacam três dimensões importantes do trabalho docente: a interação, a gestão de sala de aula e a integração entre a sala de aula e outros contextos da escola e do cotidiano do aluno.

Palavras-chave: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID). Educação Básica. Ensino de Música. Formação de Professores.

Tornar-se professor no Centro de Ensino Fundamental CASEB: Uma experiência do subprojeto PIBID MÚSICA TOCA

Maria Cristina de Carvalho Cascelli de Azevedo
Universidade de Brasília
criscarvalhocazevedo@gmail.com

Paulo Gabriel Rodrigues Coutinho
Universidade de Brasília
pgpgyeah@gmail.com

Luciano Pereira dos Santos
Universidade de Brasília
lucianodaguitarra@yahoo.com.br

Simpósio

Resumo: Neste artigo, é apresentada a experiência do PIBID Música TOCA no Centro de Ensino Fundamental CASEB. A parceria PIBID-CASEB iniciou no primeiro semestre de 2015 e tem propiciado reflexões e ações relacionadas à inserção da música na Educação Básica. Neste simpósio, este texto apresenta a escola - sua história, características e proposta de ensino de música – como, também, discute a interação entre os envolvidos no projeto: bolsistas de iniciação à docência, professora supervisora e alunos. Nessa reflexão, destaca-se o diálogo entre os membros do PIBID na escola e a busca por entender os limites e possibilidades das práticas musicais propostas e realizadas na sala de aula.

Palavras-chave: Iniciação à Docência. PIBID. Música na Escola

Introdução

Neste Simpósio, esta comunicação apresenta a parceria do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), subprojeto Música TOCA com o Centro de Ensino Fundamental CASEB (CEF-CASEB). A inserção dos bolsistas de iniciação à docência nesta escola apresenta particularidades que instigam a refletir sobre os limites e possibilidades do programa para inovar e transformar as práticas de ensino e aprendizagem musical na escola. A interação professora-supervisora/bolsistas IDs tem se construído de forma lenta, mas dialógica. O trabalho contínuo nas reuniões semanais da Equipe do PIBID e a busca para inovar no ensino

tradicional tem mobilizado os IDs e a professora supervisora para novas atividades e reflexões sobre o ensino e aprendizagem musical.

Assim, algumas questões e situações de ensino e aprendizagem musical vivenciadas no CASEB emergem para reflexão: 1) o modelo de ensino da professora supervisora e o diálogo com sua prática e concepções; 2) a busca por interação e novas formas de conceber a aula de música. No texto, primeiramente, é apresentado o CEF-CASEB, sua história e importância no cenário da cidade. Depois, a proposta da aula de música na escola sob a perspectiva da professora supervisora é descrita com algumas iniciativas dos IDs. Finalmente, é realizada uma breve reflexão coletiva sobre a experiência do PIBID na escola parceira.

A Escola: Centro de Ensino Fundamental CASEB

Inaugurado em 16 maio de 1960, o Centro de Ensino Fundamental CASEB ou CEF-CASEB foi a primeira escola de ensino médio público de Brasília. A sigla CASEB, foi herdada da Comissão de Administração do Sistema Educacional de Brasília, organização criada pelo Decreto nº 47472 de 22/12/1959 para construir e manter o sistema de ensino elementar e secundário de Brasília segundo afirma Souza (2011, p.205). Ele relata que o prédio foi construído em apenas 64 dias para receber alunos do curso ginásial, atuais 6º ao 9º anos, turmas do clássico e do científico até a conclusão das obras das outras unidades educacionais. Além disso, o CASEB abrigava outras modalidades do ensino secundário, inclusive Cursos Técnicos e Curso Normal (SOUZA, 2011).

A criação do CASEB ocorreu em um período efervescente da educação brasileira: momento em que os intelectuais da época defendiam uma “reconstrução educacional do Brasil” e discutiam a elaboração de uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (SOUZA, 2011, p.205). Assim, na cidade, o *Plano de Construções Escolares de Brasília* previa um sistema educacional voltado para cursos de humanidades, técnicos e comerciais, e científicos que deveriam ser desenvolvidos em prédios específicos e aparelhados com quadras para voleibol, basquete, piscina, campo de futebol, atletismo, núcleo cultural (teatro, exposições e clubes), biblioteca, museu, administração e restaurantes (SOUZA, 2011, p. 205-206).

Durante décadas, o CASEB, também conhecido como Ginásio CASEB ou Ginásio do Plano Piloto, foi considerada uma instituição de referência onde filhos de autoridades da cidade e outras personalidades estudaram. Desde o seu início, a escola teve um papel importante na história musical da cidade, pois o Centro de Estudos Musicais Villa-Lobos (CEMVL) funcionava em suas dependências (MATOS; PINHEIRO, 2007). Ali, durante 3 anos, foram oferecidas aulas de música para a rede pública em disciplinas como violão e harmonia (prof. João Tomé), piano, teoria e solfejo (Neuza França), contrabaixo (João Vieira) e arranjo coral e prática de atividades corais (Maestro Reginaldo Carvalho). Essas atividades musicais contribuíram com a formação da Escola de Música da cidade, hoje, Centro Profissional – Escola de Música de Brasília (CEP- EMB).

Nas décadas seguintes, a escola foi se modificando e, atualmente, atende exclusivamente turmas do Ensino Fundamental II, séries finais, com alunos oriundos de todas as Regiões Administrativas do Distrito Federal. A comunidade é bem diversificada com alunos egressos de escolas particulares, bem como, alunos com problemas judiciais e sob medidas socioeducativas. A infraestrutura das salas de aula não acompanhou as mudanças tecnológicas da atualidade e não acompanharam as inovações pedagógicas. Contudo, a escola possui equipamentos para empréstimo para os docentes, *internet* e uma sala de vídeo. As condições dos prédios e instalações são precárias. Em 15 anos a escola não passou por nenhuma reforma. Situada em 55.000 m² no Plano Piloto da capital federal, a escola atrai muitos jovens e atende cerca de 1100 alunos, sendo 200 do turno integral que frequentam aulas de reforço escolar, dança, artes e esportes (G1, 2017).

O PIBID no CEF-CASEB: a proposta de música vigente e a intervenção do PIBID

A parceria do subprojeto PIBID/Música TOCA com o CEF-CASEB iniciou no primeiro semestre de 2015 com a participação de 4 (quatro) bolsistas. O contato com a escola foi realizado com a professora de música Liliana Cosmelli que atua no turno matutino com turmas de 6º, 7º, 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. Na escola, a música é trabalhada no componente curricular Arte como conteúdo específico, uma vez que a formação da professora é em Licenciatura em Educação Artística – Música. Ela é professora regente na escola desde

2000, com intervalo em outra escola de 2005 a 2009, quando teve a oportunidade de dar aulas para todos os anos do Ensino Fundamental. Essa situação é pouco frequente, pois para a Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEDF) o ensino de música no Ensino Fundamental II pode ser ministrado pelo professor de Artes ou de Música. A Portaria nº 132 de 09/06/2014 especifica em seu Art.3º que “o Ensino de Música, na Educação Infantil e nos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, será ministrado pelos professores pedagogos, nos Anos Finais do Ensino Fundamental e no Ensino Médio pelos professores de Arte ou Música” (BRASÍLIA, 2014). Por esse motivo, é mais comum que as vagas de Artes/Música, por motivo de carência e de tempo de serviço, sejam preenchidas por professores de Artes (Música, Visuais e Cênicas) como destaca Sena (2016, p. 19), “a SEDF organiza o quadro profissional de acordo com as carências do sistema de ensino possibilitando que os professores mencionados [concurados Arte/Música] atuem, não só nas EP [Escolas Parques] por meio do componente Artes Música, mas em qualquer escola de EB [Educação Básica] por meio do componente Arte”. Essa situação, ainda favorece a polivalência do ensino de Artes ou seja um único professor para ministrar as linguagens artísticas música, artes visuais e artes cênicas.

No caso do CEF-CASEB, a professora de Artes ministra, exclusivamente, aulas de música. Esse foi um dos motivos para efetivar a parceria da escola com o PIBID Música. A colaboração iniciou com visitas à escola e encontros com a professora de música para definição de uma proposta de ação para o PIBID a partir do seu planejamento de aulas.

Nos primeiros contatos, a coordenação do PIBID teve acesso à proposta de ensino de música da professora. O planejamento das suas aulas adota um modelo tradicional de ensino de música conforme classifica Swanwick (2014). A concepção tradicional do ensino e aprendizagem musical se fundamenta na crença de que há uma cultura musical universal, com práticas e valores que precisam ser dominados pelos aprendizes. A tarefa do educador musical é iniciar os estudantes nesses valores e conhecimentos, para que possam fazer parte dessa cultura musical reconhecida como legítima. Assim, a alfabetização musical, o conhecimento sobre estilos musicais e seus compositores e o domínio de um instrumento musical são conteúdos imprescindíveis. Nas palavras de Swanwick (2014, p. 27):

[...] sinais claros da presença desta teoria podem incluir compromissos com o valor de se aprender a tocar um instrumento musical, com a alfabetização musical e com o conhecimento de um repertório de “obras-primas” ou obras de músicos-mestres (SWANWICK, 2014, p. 27).

Muitos educadores adotam essa concepção de aula de música. O problema, muitas vezes, não é o conteúdo em si, mas a exclusividade desse conteúdo, a falta de inserção de outras habilidades e conhecimentos e os procedimentos utilizados pelo professor na interação com o aluno. Geralmente, as aulas, nesse modelo, adotam uma abordagem conteudista, não dialógica que se identifica com a metáfora do professor “caixa postal” de Swanwick (1993).

No CEF-CASEB, de modo geral, as aulas adotam esse tipo de abordagem tradicional em que são ensinados conteúdos de História da Música Ocidental (música erudita); de História da Música Brasileira; de introdução à Linguagem Musical (leitura e escrita da música) e de prática de Flauta Doce. Estas são planejadas para integrar a prática às aulas teóricas ou seja se o estudo é sobre MPB ou música medieval, por exemplo, o repertório da flauta estará relacionado às características estilísticas do período ou de seus compositores. Na medida do possível, a professora aborda temas e compositores relacionados às datas comemorativas do contexto escolar, às comemorações de períodos e compositores do ano e aos temas transversais. A prática de flauta doce também auxilia a leitura musical. Porém, essa prática instrumental apresenta dificuldades: nem todos os alunos podem adquirir uma flauta doce e a escola não possui um acervo de instrumentos para empréstimo.

Na sua ação pedagógica, a professora-supervisora adota uma postura de aulas expositivas e pouco dialógica. Ela justifica suas ações pela necessidade de ter controle disciplinar sobre as turmas e pela exigência do comprimento do currículo escolar e das avaliações bimestrais.

Diante dessa situação pedagógica e considerando que os saberes docentes são situados e produzidos, modificados e significados na prática (TARDIF, 2002; THERRIEN; CARVALHO, 2009), a inserção dos PIBIDIANOS na sala da professora supervisora iniciou com o intuito de colaborar e de inovar em suas aulas de música. No primeiro ano, 4 (quatro) alunos atuaram em duas duplas com práticas de percussão corporal (PC) e canto. A professora

supervisora destaca essa experiência:

Nesse primeiro contato, os bolsistas acrescentaram aulas com percussão corporal em algumas turmas de 9º ano. Para os alunos, essa primeira experiência foi muito rica, pois além de conviver com “professores jovens” com linguagem e idade próxima a deles, os pibidianos desenvolveram uma proposta pedagógica que trazia para a experiência musical prática, apenas com o recurso do próprio corpo, os ritmos dos períodos históricos estudados, principalmente da música popular brasileira (Depoimento da professora supervisora, Liliana).

As aulas de PC acompanhavam tanto a prática musical com flauta doce quanto as aulas sobre ritmos brasileiros. Nestas, os pibidianos tiveram a oportunidade de trabalhar de forma prática os ritmos do Samba, do Baião e da Catira por exemplo (MARTA, 2016).

No decorrer dos semestres seguintes, os pibidianos, de acordo com suas habilidades foram acrescentando atividades às aulas de música. Segundo a professora supervisora, essas eram sempre uma novidade ou uma forma diferente de abordar o assunto que estava sendo proposto no momento. Dentre essas contribuições, ela cita alguns momentos marcantes como: as aulas sobre a música sertaneja, o samba, o choro, o baião, a bossa nova, a jovem guarda. Nelas os alunos puderam vivenciar instrumentos não conhecidos e fazer música, cantando, ouvindo ou tocando flauta junto com os IDs, músicos professores. Assim, os pibidianos têm atuado nas aulas de forma geral, nas apresentações de flauta doce e nas aulas sobre instrumentos musicais. A professora supervisora reconhece o esforço dos pibidianos para inovar em sua aula e destaca a disponibilidade dos IDs para aprender e desenvolver novas formas de ensinar música. Esses momentos têm representado uma experiência diferenciada para os alunos do CEF-CASEB, contudo ainda não têm caracterizado uma mudança significativa na prática pedagógico-musical vigente na escola.

Uma das sugestões de prática musical, desenvolvida por um dos pibidianos retrata a busca constante por inovar e demonstra a preocupação do ID com a aula de música “musical”. Ele se propõe a realizar atividades de canto com a prática de flauta doce. Em suas palavras:

Uma das propostas foi utilizar o canto mesclado com a prática de flauta, que já ocorria no planejamento da professora regente. À princípio, o objetivo era

criar uma rotina musical nas aulas. A primeira forma utilizada foi a do jogo de imitação, onde o professor canta frases musicais com sentido musical e os alunos repetem. Na atividade, é importante desenvolver a consciência e o domínio dos materiais sonoros, como altura, ritmo e dinâmica, sempre questionando os alunos sobre esses elementos (Depoimento do ID, Paulo Gabriel).

Vale ressaltar também, que nessa proposta de atividade, a prática vocal deveria sempre começar as aulas, independentemente da aula ser de instrumento ou não, para estabelecer a rotina e a relação musical professor/aluno. A experiência na sala de aula do CEF-CASEB tem confirmado que quando existe uma boa relação entre os aprendizes-músicos e a professora supervisora, o resultado da prática pode ser otimizada.

A crescente familiaridade com a rotina e a forma de trabalho da professora supervisora tem propiciado um começo de abertura para a regência de aulas. Durante as reuniões semanais do PIBID, novas intervenções são discutidas entre os IDs e a professora supervisora. Assim, algumas mudanças foram acontecendo e os IDs começam a interagir em curtos momentos da aula com percussão corporal, solfejos, palmas, apresentação de instrumentos musicais como a guitarra, o violão, o cavaquinho e o *Cajon*. Parte da aula tem sido também dedicada à apreciação musical com música ao vivo acompanhada de pequenos comentários sobre o repertório. Essas mudanças, embora lentas, repercutem de forma positiva na autoestima e na experiência docente dos pibidianos. Nas palavras do ID Luciano, observa-se essa tendência e a importância da aula de música na escola:

A princípio, o trabalho estava mais concentrado na forma tradicional em que a professora conduzia a aula, porém começamos um trabalho que leva um tempo até se consolidar. O importante é a continuidade das atividades desenvolvidas em sala de aula. Uma das atividades se propôs a conhecer o repertório que os alunos mais gostavam. Alguns comandos foram combinados para identificar as preferências: uma palma para a música que não conheciam; duas palmas para a música que conheciam e três palmas para a música que conheciam e gostavam. Assim, aproximei-me mais dos alunos e achei uma maneira de encurtar a nossa relação e a troca de conhecimento. Aprendo muito com os alunos do 6º e 7º ano do CEF-CASEB. Vejo que se soubermos utilizar os talentos e a musicalidade dos alunos, estimularemos futuros musicistas e músicos talentosos que, por falta de incentivo e de uma boa orientação, se perdem em aulas desestimulantes. Soma-se a isso, o fato de

escola pública no Brasil, hoje, não conseguir, por si só, encontrar uma forma de identificar esse talentos, principalmente, por causa da falta de estrutura. Mas, mesmo assim, muitos alunos se sobressaem (Depoimento do ID, Luciano).

Diante do exposto, é importante destacar a oportunidade dada pela professora supervisora Liliana para que os IDs pudessem atuar na sua sala de aula. O trabalho ainda é lento no sentido de transformações das práticas, mas a perseverança e o esforço contínuo têm produzido frutos na sala de aula e estimulado a reflexão sobre o que é ser professor na Educação Básica.

Tornar-se professor: reflexões e impressões sobre a formação docente no PIBID

Neste tópico, destacam-se as impressões dos bolsistas de iniciação à docência (ID) sobre suas experiências na escola. Para eles, um dos grandes desafios da educação musical contemporânea tem sido o planejamento de uma aula musical do início ao fim (SWANWICK, 2003). Pois, no cotidiano escolar, como pibidianos, eles observam a vigência de uma proposta pedagógico-musical “bancária” que se identifica com o “professor caixa-postal” (SWANWICK, 1993). Na imersão na escola CEF-CASEB, os IDs destacam o predomínio de uma pressão interna e externa para que se desenvolva uma prática “conteudista”, como forma de preparar os alunos para vestibulares e concursos, o que torna a prática musical coadjuvante na educação. Por isso, a busca incessante dos IDs para inovar e propiciar experiências concretas e lúdicas do fazer musical em atividades de apreciação, performance e composição (SWANWICK, 2003).

Embora tornar-se professor represente uma opção profissional, a imersão no trabalho docente, durante a formação, possibilita a consciência dos desafios futuros da profissão e da responsabilidade para fazer o melhor hoje para que amanhã se possa colher bons frutos. A realidade vivida na escola CEF-CASEB tem se mostrado desafiadora e contraditória, pois as aulas tradicionais estimulam a busca por inovações que, muitas vezes, não são concretizadas. Contudo, o processo de refletir sobre a realidade e pensar sobre novas formas de agir a partir das instruções recebidas pelas professoras-coordenadoras é relevante para a formação docente.

Para os IDs em atuação no CEF-CASEB, cada dia na escola apresenta questões e situações de ensino e aprendizagem musical que instigam a refletir sobre as concepções de ensino e aprendizagem musical, seu conteúdo, sua metodologia e a produção de conhecimento.

Com relação ao modelo de ensino da professora supervisora, observa-se, desde o início, um conflito de concepções: há uma grande distância entre a forma com que a professora regente realiza a sua rotina de aula e as práticas de ensino e aprendizagem de música abordadas nas disciplinas na Universidade. Contudo, a preocupação em realizar uma ponte entre essas concepções tem sido um aprendizado constante e relevante para a formação docente. A interação caminha de forma lenta, uma vez que não é disponibilizado muito espaço para regência de aula. Contudo, o diálogo com a professora possibilita uma troca de ideias para que a atuação na regência da aula possa ocorrer de fato e ser mais intensa. Apesar das dificuldades e dos avanços ainda lentos, a interação e a imersão na escola têm sido fundamentais para a formação docente dos IDs, principalmente, no que se refere ao contato com os alunos e alunas e a forma de abordar o conteúdo musical.

Referências

BRASÍLIA, Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal, Portaria 132. **Diário Oficial do Distrito Federal**, Brasília, DF, 10 de junho de 2014. Seção 01, p.12. Disponível em: file:///localhost:/http://www.buriti.df.gov.br/ftp/diariooficial:2014:06_Junho:DODF_Nº_120_10-06-2014:Seção01-120.pdf. Acesso em: 24/08/2017.

CASEB, na 910 Sul, completa 57 anos nesta terça-feira. **DF TV, Globo.com, G1**, Brasília, 15/05/2017, Vídeo Reportagem . Disponível em: <http://g1.globo.com/distrito-federal/dftv-2edicao/videos/t/edicoes/v/caseb-na-910-sul-completa-57-anos-nesta-terca-feira-16/5870991/>. Acesso em 24/08/2017.

MARTA, Stive Antonio. *A Percussão Corporal em Aulas de Música: Uma Reflexão sobre sua Contribuição para Educação Musical Escolar*, 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação)-Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

MATOS, Ataíde de; PINHEIRO, Regina Galante. Escola de Música de Brasília: um lugar de sonho musical. In: OLIVEIRA, Alda; CAJAZEIRA, Regina (Org.). *Educação Musical no Brasil*. Salvador:

P&a, 2007. Cap. 30. p. 214-220.

SENA, Ibsen Perucci. *A organização do conteúdo de Música no componente curricular Arte: dois estudos de caso com professores da rede pública de Educação Básica do DF*. 2016. 181 f. Dissertação (Mestrado) - Música, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

SOUZA, Francisco Heitor de Magalhães. CASEB e Elefante Branco: experimentalismo e inovação no ensino médio. In: PEREIRA, Eva Waisros et al (Org.). *Nas asas de Brasília: memórias de uma utopia educativa*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2011. Cap. 10. p. 203-227.

SWANWICK, Keith. *Música, Mente e Educação*. Trad. Marcell Silva Steuernagel. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2014.

_____. *Ensinando Música Musicalmente*. São Paulo: Moderna, 2003

_____. Permanecendo Fiel a Música na Educação Musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE EDUCAÇÃO MUSICAL, 2, 1993, Porto Alegre. *Anais...* . Porto Alegre: Abem, 1993. p. 19 – 32.

TARDIF, Maurice. *Saberes Docentes e Formação Profissional*. Petrópolis: Vozes, 2002.

TERRIEN, Jacques; CARVALHO, Antônia Dalva França; O professor no trabalho: epistemologia da prática e ação/cognição situada - elementos para análise da práxis pedagógica. *Revista Brasileira de Formação de Professores, (s/ local)*, v. 1, n. 1, p.129-147, maio 2009.

O PIBID Música TOCA na Escola Parque 210/211 Sul: interações no contexto escolar e reflexões sobre a prática docente na escola

Flávia Motoyama Narita
Universidade de Brasília
flavnarita@yahoo.com.br

João Vítor Costa Barros Alves
Universidade de Brasília
victor_0206@hotmail.com

André Felipe Gouvea Roman
Universidade de Brasília
andreroman913@gmail.com

Lucas Souza Pinheiro
Universidade de Brasília
lukasdelux@hotmail.com

Joabson Antonio de Sousa Silva
Universidade de Brasília
joabson.sousasilva@gmail.com

Simpósio

Resumo: A experiência docente do PIBID na escola Parque 210/211 Sul iniciou em 2016 e atualmente conta com a participação de cinco licenciandos pibidianos; a maioria ainda na primeira metade do curso de Licenciatura em Música da Universidade de Brasília. Neste trabalho, temos o objetivo de apresentar e discutir a experiência de iniciação à docência nessa Escola Parque a partir de relatos de quatro bolsistas de iniciação à docência (ID). A metodologia de trabalho consistiu em encontros semanais com bolsistas, professora supervisora e coordenadoras do projeto para planejar intervenções pedagógico-musicais integradas com a escola e para avaliar e refletir sobre as atuações. Dentre as reflexões selecionadas pelos pibidianos, destacamos as interações que estabeleceram com os alunos da escola durante as aulas e em outros momentos escolares. Essas interações, segundo os pibidianos, possibilitaram uma reavaliação sobre seus papéis como músicos, como professores de música e sobre as competências necessárias para atuarem com maior segurança no contexto escolar.

Palavras-chave: PIBID. Interações. Prática Docente.

Introdução

Segundo Freire (1996, p. 102), “Ensinar exige segurança, competência profissional e generosidade”. A segurança é expressa pela autoridade do professor, que se apoia em suas competências profissionais. No caso dos professores de música, essa segurança pode ser identificada na mobilização de saberes musicais práticos, tais como saber tocar instrumentos musicais, cantar, fazer arranjos, improvisar, e na mobilização de saberes musicais teóricos. Além disso, ser professor de música requer mobilizar esses saberes musicais teórico-práticos para o ensino e aprendizagem da música. Assim, a competência profissional como musicista e professor forma a autoridade de um professor de música. Essa autoridade, para não ser transformada em autoritarismo, deve ser carregada de generosidade.

Ao ingressarem no PIBID, os licenciandos são estimulados a mobilizar suas competências como músicos e professores. O relato a seguir ilustra a construção dessas competências, com reflexões acerca do processo de tornar-se professor de música e das interações com alunos, colegas, professora supervisora e coordenadoras do projeto.

Inicialmente, apresentamos o contexto em que os pibidianos foram inseridos, focalizando em seguida nas ações do projeto PIBID Música TOCA. A parte central deste trabalho destaca as reflexões e impressões de quatro pibidianos sobre suas atuações nesse projeto. Finalizamos o relato com uma breve consideração sobre as contribuições do PIBID no (per)curso formativo desses licenciandos.

Contexto Escolar e o PIBID na Escola Parque 210/211 Sul

A escola onde os pibidianos atuaram foi fundada em 1992 e, desde 1994 tornou-se escola inclusiva. Complementando o atendimento educacional recebido nas denominadas Escolas Classe, essa escola oferece especificamente aulas de artes visuais, música, teatro e educação física para alunos do Ensino Fundamental I (1º ao 5º ano). De acordo com sua Proposta Pedagógica para os anos de 2014 a 2016, a missão da escola é:

Educar por meio das artes e da educação física, para garantir ao educando o

acesso ao patrimônio artístico, cultural e social, ampliando e enriquecendo seus modos de representações (códigos e símbolos) e interações (tecnologias) com a realidade, proporcionando a alfabetização estética e psicomotora. (DISTRITO FEDERAL, s.d., p. 8)

Nas aulas de música dessa escola, os educandos ampliam seus repertórios, são introduzidos a novos conceitos e desenvolvem habilidades por meio do fazer musical, entendido em sua Proposta Pedagógica como “cantar, tocar, criar, construir instrumentos, dançar, contextualizar” (p. 9). Além dessas habilidades artísticas, o documento aponta as potenciais contribuições do fazer musical para o desenvolvimento integral de um ser humano, aumentando sua “capacidade de expressão, concentração, memorização, criatividade, autoestima, autoconfiança e a socialização” (p. 9).

Nesse contexto, o subprojeto do PIBID Música, TOCA Música na Escola, iniciou suas atividades em 2016 sob supervisão da professora Simone. As aulas de música ocorrem no turno vespertino durante toda a semana. A Escola Parque 210/211 Sul atende crianças matriculadas nas escolas de ensino regular da vizinhança de acordo com as orientações da Secretaria de Educação - SEDF. Dentre os bolsistas de iniciação à docência que atuam na escola, três iniciaram suas atividades quando a parceria com o programa PIBID foi efetivada e dois aderiram ao subprojeto neste ano de 2017. Neste tópico, apresentamos: 1) a proposta pedagógica do PIBID nessa escola, desenvolvida no ano de 2016 e neste ano de 2017 e 2) a nossa inserção na escola, expectativas e observações.

A proposta pedagógica do subprojeto PIBID Música na Escola Parque 210/211 Sul está vinculada à prática pedagógica da professora supervisora na escola. Os professores de Artes/música nesta escola têm liberdade de desenvolver conteúdos e atividades musicais segundo as orientações curriculares da SEDF organizadas em seu documento base o “Currículo em Movimento”. De acordo com esse documento, a professora supervisora planeja suas aulas por temas, objetivos e atividades.

Em 2016 o planejamento da professora enfatizou a criação e notação musical. Uma das atividades propostas foi uma brincadeira na qual uma criança começava fazendo um ritmo. A criança seguinte repetia aquele ritmo e acrescentava outro. Dessa forma, além de criação

rítmica, foi trabalhada também a memória musical.

No ano de 2017, o planejamento da escola mudou bastante, principalmente, por causa da alteração da organização pedagógica da escola que aderiu à educação de tempo integral.

Tornar-se professor no PIBID: reflexões e impressões

A experiência de iniciação à docência dos pibidianos (ID) na Escola Parque 210/211 Sul tem sido importante para se pensar o ensino e aprendizagem musical na Educação Básica. Apesar dessa escola parceira desenvolver uma ênfase no ensino de Artes, o trabalho docente nesse contexto apresenta desafios e situações educacionais que podem ser encontrados e compartilhados com outras instituições públicas da Educação Básica. Além disso, a experiência docente nessa escola pode fornecer subsídios para se desenvolver a Educação Musical Escolar em escolas do ensino regular. Com relação ao ensino e aprendizagem musical nesse contexto, selecionamos alguns temas, oriundos de nossas impressões e reflexões para discutirmos como tornar-se professor de música na escola: 1) planejamento de aula; 2) o papel do professor na sala de aula e a 3) interação professor/aluno dentro e fora da sala de aula.

Como mencionado anteriormente, o planejamento das aulas partia dos temas e objetivos estipulados pela professora supervisora da escola. Esses temas eram debatidos pelos pibidianos, pela professora e pelas coordenadoras do projeto. Assim, cada um tinha a oportunidade de contribuir com os conhecimentos adquiridos na escola e na universidade. A partir disso, surgiram aulas que foram feitas de acordo com planejamentos preparados pelos pibidianos, como por exemplo uma aula sobre paisagens sonoras. Nessa aula, o pibidiano pode observar na prática os conceitos do compositor e educador Murray Schafer estudados em disciplinas da Universidade. Os estudantes tinham que desenhar e encenar os diferentes sons da água, que foram apresentados pelo professor em vários contextos tais como: chuva, mar, tempestade, cachoeira, entre outros.

Um dos maiores desafios encontrados pelo pibidiano Lucas em sala de aula, ao longo dos meses, foi desenvolver uma atividade musical de forma lúdica. Além disso, buscou focalizar nas fases de desenvolvimento cognitivo musical da criança que, segundo Brenes (1954 citado

em SEKEFF, 2007, p. 131) são: fase do ritmo, fase da melodia, fase da harmonia, fase da forma. Essas fases são baseadas nas estruturas cognitivas desenvolvidas por Piaget. Algumas vezes foram necessárias adaptações no plano de aula, pensando sempre em uma boa relação de ensino-aprendizagem. Tematizar a aula de música, por exemplo, foi uma estratégia proveitosa. Assim, fazer planejamentos, pensar e estudar sobre novas possibilidades de aula, refletir na ação e sobre a ação (SCHÖN, 2000) foram algumas competências profissionais que passaram a ser valorizadas nos relatos dos pibidianos (ID).

Também foi necessário buscar a motivação, atenção e interesse das crianças, o que a princípio não foi nada fácil. Desta forma, evitar uma aula menos expositiva, procurando interagir com os estudantes, sem perder o plano da aula, foi realmente desafiador (Depoimento do ID, Lucas).

Ainda com relação ao planejamento, os pibidianos relatam que puderam perceber que nem sempre as aulas saem como planejado, mas que têm percebido a aprendizagem dos estudantes da escola, bem como o papel do professor como um mediador, descentralizador do conhecimento. Os estudantes, na visão dos pibidianos, vão à aula não só para aprender, mas também para ensinar, trocar conhecimento, ampliar suas habilidades. Por isso, uma aula interativa torna-se essencial para o desenvolvimento da criança. Em muitas das atividades propostas em sala de aula, os pibidianos ressaltam que vários estudantes já tinham um conhecimento prévio do assunto. Entretanto, muitos deles não tinham experienciado a prática ou pensado sobre outras idéias. Os olhares de observação das crianças a cada atividade ao longo do semestre trouxeram uma noção, ainda a ser estudada pelos pibidianos, de como trabalhar com as crianças e essencialmente conhecer cada estudante e suas habilidades para que as aulas sejam mais democráticas e interessantes.

A questão da interação também foi apontada por outro pibidiano que, participando também como músico (violonista) acompanhante nos exercícios práticos que a professora dava, pode perceber também o valor das aulas interativas, tanto como um fator motivacional aos estudantes, quanto como um estímulo à sua musicalidade. Segundo o pibidiano (ID):

O projeto de iniciação à docência pode proporcionar uma nova perspectiva

sobre como é ser professor em um contexto escolar. Por somente ter tido experiência anterior como professor particular e não ter atuado em uma turma de estudantes, as aulas observadas me levaram a entrar em contato com outra forma de se pensar sobre música em conjunto, por meio de análise dos métodos e planejamentos da professora supervisora durante meu primeiro semestre no projeto (Depoimento do ID, Joabson)

Além desse planejamento pré-combinado com a professora supervisora e coordenadoras do projeto, os pibidianos tinham a liberdade de intervir nas aulas quando tinham alguma ideia que poderia ajudar a professora. Com isso, foi questionado o papel do professor em sala de aula. Um dos pontos levantados foi a questão da autoridade, licenciosidade e autoritarismo como professor. Antes das experiências em sala de aula, o pibidiano (ID) André costumava agir licenciosamente e muitas vezes acabava perdendo o controle da situação. Por ser uma pessoa de filosofia mais livre, tendia para uma atuação desorganizada, pois passava o comando da autoridade para os estudantes sem perceber, fazendo da aula um verdadeiro “laissez-faire”. No decorrer das vivências escolares, percebeu por meio da atuação de professores maneiras de manter o controle, respeitando a autonomia do educando e exercendo devidamente sua autoridade. Em outro momento percebeu que em algumas aulas os professores exerciam um papel de autoritarismo desconsiderando a autonomia do estudante e se achando o detentor do conhecimento. Com o PIBID pode perceber a diferença clara entre autoridade e autoritarismo (FREIRE, 1996). Adentrando no limiar sensível que permeia essas duas posições, conscientizou-se da importância que tem a autonomia do discente, e conseqüentemente se atentou para o perigo que a ação autoritária pode causar para o desenvolvimento da aprendizagem. Por outro lado, em relação à autoridade do professor, enxergou que uma posição licenciosa pode também ser um perigo para o desenvolvimento dos discentes. Dessa maneira, almeja o papel de professor facilitador que possui a devida autoridade de maneira equilibrada, para não tender nem à licenciosidade nem ao autoritarismo, encontrando o ponto de equilíbrio para uma atuação educadora de qualidade musical e “humanizadora”. Esse equilíbrio do exercício da autoridade sem autoritarismo, mas com generosidade é uma outra competência docente.

Outro ponto observado foi a experiência musical com as crianças na hora do recreio. O

pibidiano (ID) João Víctor é violonista e sempre leva o seu instrumento para a escola. Em uma das primeiras semanas deste ano, algumas crianças perguntaram se ele poderia tocar algumas músicas para elas na hora do recreio e ele respondeu afirmativamente. A partir desse momento, outras crianças, até mesmo de outras turmas, começaram a se aproximar do pibidiano e ficou definido que todas as quartas-feiras à tarde haveria esse recreio musical.

A proximidade com as crianças no momento do recreio refletiu no relacionamento delas com o pibidiano dentro da sala de aula. Elas ficaram mais próximas dele. Uma explicação para isso talvez seja a proximidade com a realidade delas que a hora do recreio criou. Muitas vezes na hora da aula são tocadas músicas de tradição folclórica ou músicas de cantores infantis, pois geralmente são consideradas adequadas para a sala de aula. Apesar disso, muitas vezes é esquecido que as crianças escutam outras músicas que muitas vezes os professores nunca ouviram falar, como por exemplo cantores que fazem a trilha sonora de novelas infantis.

Cantores(as) como Larissa Manoela, João Guilherme e Giovanna Chaves entraram no repertório da hora do recreio. A partir disso, futuramente será possível criar atividades dentro de sala de aula utilizando músicas que as crianças realmente conhecem e se identificam (SOUZA, 2008; GREEN, 2012). Desse modo, elas poderão sentir-se mais motivadas para participar dos exercícios propostos e poderão chegar à celebração musical com mais facilidade.

Considerações finais

É possível dizer que a experiência dos pibidianos tem resultado em aprendizados que serão essenciais quando atuarem como docentes efetivos, formando suas competências profissionais. Entre esses aprendizados estão: a capacidade de fazer um planejamento de aula, a sabedoria para se portar à frente de uma turma sem ser autoritário ou licencioso e a consciência de promover interações com os alunos dentro e fora de sala de aula.

Uma característica presente nesses três aprendizados é o diálogo. É preciso usá-lo para conhecer a vivência prévia do aluno sobre o assunto. A partir disso, o professor pode preparar uma atividade que considere adequada para a turma. Também usa-o para encontrar um equilíbrio entre o que é a autonomia do aluno e o que é ser licencioso ou autoritário. Com isso,

dialoga-se para aproximar-se do mundo do aluno e criar um vínculo que facilite a mediação do aprendizado.

Por fim, como a maioria desses pibidianos estão nos primeiros semestres do curso, essa experiência propiciou que eles adquirissem uma vivência escolar desde o início do (per)curso de sua formação docente. Dessa forma, estarão mais preparados quando precisarem fazer estágio e quando assumirem uma turma depois de formados.

Referências

DISTRITO FEDERAL. Secretaria de Estado de Educação do DF. Programas e Projetos. Projeto Político Pedagógico das Escolas. Disponível em: <http://sumtec.se.df.gov.br/sistemas/ppp/>. Acesso em: 8 jul 2017.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GREEN, Lucy. Ensino da música popular em si, para si mesma e para “outra” música: uma pesquisa atual em sala de aula. *Revista da ABEM*, Londrina, n. 28, p. 61-80, 2012.

SCHÖN, Donald. *Educando o profissional reflexivo*. Porto Alegre: Artmed, 2000.

SEKEFF, Maria de Lourdes. *Da música, seus usos e recursos*. São Paulo: Unesp, 2007.

SOUZA, Jusamara (Org.). *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulinas, 2008.

A experiência do PIBID Música TOCA no contexto dos Anos Iniciais do Ensino

Fundamental: interação, gestão da sala de aula e integração

Verônica Gurgel Bezerra
Escola Parque 210/211 Norte
vgbveronica@gmail.com

Eduardo Lucchesi Scano
Universidade de Brasília
edu.scano@hotmail.com

Gabriel Alexandre dos Santos
Universidade de Brasília
gabriel.alexans@gmail.com

Simpósio

Resumo: Este artigo é um relato da experiência do subprojeto Música TOCA no PIBID/UnB com os anos iniciais do Ensino Fundamental na Escola Parque 210/211 Norte (EP 210N). Esta é uma escola inclusiva e atende estudantes do Ensino Integral, com aulas de Música, Artes Visuais, Teatro e Educação Física no turno contrário da Escola Classe. Nesse contexto, os licenciandos de iniciação à Docência (ID) são inseridos na prática da sala de aula sob supervisão de uma professora efetiva na escola. Desde 2014, a parceria PIBID Música/Escola Parque 210/211 Norte vem desenvolvendo projetos pedagógico-musicais. Em 2017, o trabalho pedagógico está sendo orientado por um material didático de Cecília França, bem como autores que discutem o Ensino Coletivo de Instrumentos e Ensino de Instrumentos em grupo (CRUVINEL, 2001; MONTANDON, 1992). Em suas experiências na escola, os IDs destacam três dimensões importantes do trabalho docente: a interação, a gestão de sala de aula e integração entre a sala de aula e outros contextos da escola e do cotidiano do aluno. No dia-a-dia da escola, os pibidianos aprendem que para se tornarem professores de música são necessários saberes pedagógicos, musicais e extramusicais.

Palavras-chave: Aula de música. PIBID. Anos Iniciais. Ensino Fundamental.

Introdução

Neste relato de experiência, compartilhamos reflexões acerca do Projeto PIBID Música TOCA realizado na escola Escola Parque 210/211 Norte (EP 210N) desde 2014. Inicialmente, apresentamos o contexto escolar, explicando brevemente o funcionamento da escola e sua

recente adesão ao programa de Escolas Integrais. Em seguida, fazemos um resumo dos projetos realizados na escola no âmbito do PIBID Música desde 2014. Nessa mesma seção, relatamos algumas práticas pedagógico-musicais, seus pressupostos teóricos e percepções dos licenciandos de iniciação à docência (IDs) sobre as atividades. A experiência proporcionada pelo programa destaca três dimensões do trabalho docente: a interação, a gestão de sala e a integração entre a sala de aula e outros contextos da escola e do cotidiano do aluno.

Na seção final, consideramos como o PIBID tem contribuído para a formação dos licenciandos. Além da inserção em sala de aula sob a supervisão direta da professora regente, os momentos de reflexão e avaliação sobre as práticas realizados na universidade com as orientações das coordenadoras complementam sua formação. Nessas reuniões semanais são realizados planejamentos coletivos, IDs e professora supervisora, bem como são compartilhados e analisados os áudios e os vídeos de práticas pedagógico-musicais conduzidas nas escolas. Com isso, buscamos socializar saberes, avaliar nossas práticas e melhorar a integração universidade-escola por meio das interações entre as professoras coordenadoras do subprojeto, as professoras supervisoras e os pibidianos.

O contexto escolar: A Escola Parque 210/211 Norte

A rede pública de ensino do governo do Distrito Federal oferece matrículas aos estudantes do Ensino Fundamental em Unidades de Ensino (UE) denominadas Centro de Ensino Fundamental, Escola Classe e Escola Parque. As Escolas Parque fazem parte do plano educacional do Governo do Distrito Federal proposto por Anísio Teixeira desde a inauguração da cidade. Inicialmente, mesmo com a previsão de 28 escolas, somente uma Escola Parque foi construída. Ao longo dos anos, outras quatro foram construídas no Plano Piloto, Região Administrativa (RA) central de Brasília. Recentemente, foram abertas duas Escolas Parque: uma na RA de Ceilândia e outra na RA de Brazlândia.

As Escolas Parque são UE de “natureza especial” que ofertam ensino intercomplementar e ou complementar aos estudantes da Rede Pública de Ensino do Distrito Federal. As Escolas Parque do Plano Piloto intercomplementam, obrigatoriamente, o ensino das

Escolas Classe dos componentes curriculares de Arte (Artes Visuais, Teatro e Música) e Educação Física no contraturno. As Escolas Parque das outras RA complementam o ensino dos estudantes da Rede Pública do Distrito Federal ofertando cursos e, ou oficinas nas áreas de Arte, Educação Física e Educação Ambiental também no contraturno (DISTRITO FEDERAL, 2016).

Desde sua proposta inicial, as Escolas Parque têm passado por mudanças buscando se adequar às políticas educacionais da Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (BEZERRA, 2014; PEREIRA, 2011). Em 2017, as Escolas Parque do Plano Piloto de Brasília aderiram ao programa de Escolas Integrais da Coordenação da Regional de Ensino da Região Administrativa à qual essas escolas estão vinculadas. Com a adesão a esse programa, as Escolas Parque ficaram responsáveis pelo desenvolvimento de suas atividades curriculares e ainda mais as refeições, momentos de descanso e organização do transporte dos alunos para as Escolas Classe às quais os estudantes estão matriculados.

Com a adesão ao programa de Escolas Integrais, a Escola Parque 210/211 Norte (EP 210N) diminuiu a quantidade de escolas às quais está vinculada passando de 11 escolas para quatro: Escola Aspalha, Escola Vila RCG, Escola Classe 411 Norte e Escola Classe 405 Norte. Com isso, o número de estudantes na EP 210N diminuiu de 1959 para 503. O tempo de permanência do aluno na escola aumentou para 10 horas diárias, sendo cinco horas na Escola Classe e cinco horas na EP 210N no contraturno. Durante a semana, os estudantes têm 15 horas de aulas das linguagens Artes Visuais, Teatro e Música e de Educação Física e mais 10 horas de um Projeto de Promoção à saúde. Para a maioria das turmas, há duas aulas de Música e mais duas de Oficinas de Instrumentos.

Em 2017, 60 alunos do 2º ao 5º anos do Ensino Fundamental, provenientes de várias Regiões Administrativas e do entorno do Distrito Federal tais como Luziânia, Valparaíso e Águas Lindas de Goiás, são atendidos pelo Projeto PIBID Música TOCA na Escola Parque 210/211 Norte. A faixa etária varia de seis a 13 anos. Nessa escola, as turmas são inclusivas. Há alunos com Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade, um aluno com Distúrbio do Processamento Auditivo Central e uma aluna com Transtorno de Espectro Autista. É nesse

contexto que os pibidianos, que são alunos da licenciatura da Universidade de Brasília inscritos no projeto são inseridos na EP 210N.

O PIBID na escola

O PIBID-UnB/Música iniciou suas atividades na EP 210N em 2014 com o projeto A Lenda do Lago Paranoá. Essa temática surgiu pela necessidade de valorizar os estudantes indígenas que estavam sofrendo discriminação na escola. Esse projeto contou com a participação de quatro pibidianos que participaram de atividades de planejamento e atuação em conjunto com a professora supervisora sob as orientações das coordenadoras do projeto. O resultado foi uma apresentação cênico-musical que contou com a participação de uma professora de teatro da escola.

Em 2015, ocorreram três projetos que faziam parte do tema orientador da escola: Os Quatro Elementos - Água, Terra, Fogo e Ar. No primeiro bimestre, aconteceu o projeto Água. No segundo bimestre, trabalhamos com a temática do Fogo explorando ritmos brasileiros e materiais reciclados. Tivemos a participação de quatro pibidianos que desenvolveram atividades de performance, improvisação e execução. Nos 3º e 4º bimestres, trabalhamos com um projeto chamado Avatar, envolvendo os 4 elementos da natureza. Esse projeto tinha como motivação inicial o *Anime Avatar*.

No ano de 2016, trabalhamos com o projeto “Bumba Meu Boi”. Esse projeto contou com a participação de cinco pibidianos, a professora supervisora e de um professor de teatro da escola. Esse trabalho envolveu 244 estudantes em atividades diversas, às quais destacamos atividades nas áreas de Música, Teatro, Artes Visuais e Dança: criação literária, musical e de coreografias; execução vocal e instrumental e performance; gravação de áudios no estúdio da Universidade; encenação e apresentação no auditório da escola.

Em 2017, outra sistemática foi adotada para atender às mudanças ocorridas na forma de atendimento da escola. Assim, a professora supervisora optou por organizar o planejamento das aulas de música com atividades musicais apoiadas no material didático *A Turma da Música*, de Cecília Cavalieri França. O volume 1 foi escolhido para as turmas dos 2º e 3º anos e o volume

2, para os estudantes dos 4º e 5º anos. Com isso, o trabalho pedagógico ficou mais direcionado para atividades específicas musicais.

No início do ano letivo, para conhecer os interesses, expectativas e gostos musicais, surgiu a necessidade de uma roda de conversa com os estudantes das turmas. Pois, como Marques (2016, p. 63) revelou em sua pesquisa com crianças de Escolas Parque, que o professor não deveria se restringir “[...] apenas ao ato de ensinar os conteúdos das aulas, mas, que se faz necessário, ouvir a sua voz”.

Após esse levantamento, foi decidido dar maior ênfase ao ensino de violão e flauta nas aulas de Oficina de Instrumentos. Além desses, decidimos também ensinar outros instrumentos como guitarra, baixo, metalofone, xilofone e pandeiro, de modo que pudéssemos formar conjuntos musicais. Para o planejamento dessas aulas, além da busca em relacionar os conhecimentos apresentados nos livros de Cecília França, tivemos como orientação alguns autores que tratam do Ensino Coletivo de Instrumentos Musicais, tais como Cruvinel (2001) e sobre Ensino de Instrumentos em Grupo (MONTANDON, 1992).

Para que os estudantes fiquem motivados, algumas práticas incentivam a aprendizagem, a curiosidade, com atividades exploratórias com materiais e instrumentos. Por isso, muitas atividades são fundamentadas em outras pedagogias musicais como as de Paynter citada por Mateiro (2012), que pregava a espontaneidade, a liberdade e a experimentação sonora que vai além da função que o instrumento tem. Trabalhamos com os alunos a experimentação sonora com os seguintes instrumentos: percussivos, flauta doce, violão, xilofones, metalofones e triângulo, além dos sons explorados de materiais recicláveis e orgânicos como chocalhos de tampinhas de garrafa e cascas de côco.

Um pibidiano relata que todos os alunos com os quais estão no projeto têm curiosidade em manipular os instrumentos e descobrir seus sons. Em cada aula, uma proposta instrumental variada inclui sempre mais de uma opção de instrumento para o aluno executar, nem que seja ao menos cantar. Assim, os alunos escolhem o instrumento por afinidade, e com isso, ficam tão animados em tocar que custam alguns minutos de desordem saudável até organizarmos a música proposta na aula.

A professora juntamente com os pibidianos estimula os estudantes a explorar várias possibilidades nos instrumentos e materiais sonoros. Nesse momento, as crianças usam todos os sentidos, pois sentem necessidade de bater, balançar, cheirar, olhar por dentro ao tocar, colocar o ouvido no instrumento, colocar na boca e, quando possível, desmontar. A exploração também passa a ser imaginativa e criativa, quando desejamos musicalizar um poema ou criar os sons de um ambiente com os instrumentos musicais.

Outra atividade realizada em sala é a de composição e de performance, que é realizada em grupos. Nessa atividade, os alunos realizam alguma criação musical dentro da proposta, e, depois, apresentam para o resto da turma. Com isso, é desenvolvida a formação de público, a apreciação musical, a concentração e o respeito ao grupo que apresenta a performance.

As atividades realizadas com os pibidianos são planejadas e discutidas em encontros semanais. Nesses encontros, além da elaboração do planejamento, há orientações sobre o ensino de música, materiais e recursos pedagógicos. É também o momento em que professora supervisora e pibidianos refletem sobre a prática pedagógica e compartilham as dúvidas, resultados, dificuldades com as coordenadoras do projeto, bem como, com os pibidianos de outras escolas, como narra um dos pibidianos (ID):

Outra atividade que tem sido muito interessante dentro do PIBID é a reunião semanal que temos com todos os pibidianos da música. Nessas reuniões, discutimos tópicos relevantes dentro do âmbito acadêmico, planejamos as aulas nas escolas que participam do projeto, e por último, e mais interessante, nós temos exemplos de aulas, ou utensílios para o ensino musical, de nossas coordenadoras (Depoimento, ID Gabriel).

Esses encontros ocorrem juntamente com as professoras supervisoras e as coordenadoras do projeto. São momentos importantes para a formação dos futuros docentes; pois, é na reflexão sobre as práticas docentes, na socialização de saberes que os pibidianos vão se tornando professores.

Quando se almeja ser professor, a oportunidade de observar aulas fora dos olhos de aluno, ou professor, é rica. Percepções como esta que

relatei seriam mais difíceis de serem percebidas quando nós estamos preocupados em passar ou assimilar um certo conteúdo, ou atividade. Além disso, com o PIBID, eu estou tendo a oportunidade de analisar a sala de aula, e o próprio ensinar, dentro da sala, como um laboratório, observando o que funciona ou não, para determinada atividade, maneiras de se abordar conteúdos, e outros (Depoimento, ID Gabriel).

Tornar-se professor de música envolve como ensinar os conteúdos, buscar formas de ensinar que atendam as demandas da escola, assim como outras competências. Desenvolver a interação e a confiança entre o professor e os estudantes são competências que precisam ser construídas na escola. Essa construção muitas vezes ocorre com elementos externos ao planejamento. Sobre isso, um dos pibidianos descreve como foi sua experiência. Ele atua em três turmas da escola e observa que o que mais tem marcado nesse breve tempo com o projeto é a interação dele com uma das turmas. Para ele, uma das turmas tem um afeto maior com ele. “Quando eles chegam, a maioria dos alunos vem me cumprimentar com abraços, eles se sentem mais à vontade para falar sobre minha roupa, e são mais carinhosos comigo”.

Ao refletir sobre essa situação, ele acredita que sua interação com a turma mudou por causa de uma estudante, como narra abaixo:

Um certo dia, eu estava com meu celular em mãos, e essa aluna, mais desinibida, pediu meu celular para jogar. Eu disse a ela que não possuía jogos em meu celular, o que acreditava ser verdade. Ela me pediu o celular para conferir, e eu o dei a ela. Para minha surpresa, ela achou um jogo lá dentro, e eu, sem saber o que fazer ao certo, a deixei jogar. Depois desse ocorrido, toda vez que ela me via, ela me pedia o celular. Deixei essa aluna jogar algumas vezes, outras não, mas a nossa relação havia mudado. Eu não era mais apenas o monitor, eu era a pessoa que emprestava o celular para ela, e isso nos tornou mais próximos. Os outros alunos, vendo nossa relação, começaram a falar mais comigo naturalmente, já que viram uma colega de classe conversando mais comigo (Depoimento, ID Eduardo).

Ao confiar que a aluna usasse o seu celular, o pibidiano conseguiu uma aproximação e interação maior não só com a estudante, mas com uma turma inteira. Com esse tipo de experiência, com as práticas, reflexões sobre ela e as socializações dos saberes, os pibidianos vão compreendendo que tornar-se professor de música vai além do papel de ensinar

conteúdos musicais previstos pelo currículo e documentos oficiais como um “professor de música como caixa postal” (SWANWICK, 1993) que ensina sem focar as ações, atenções, sem buscar conhecer ou interagir com esses estudantes em um ambiente de confiança.

Considerações Finais: tornar-se professor de Música, reflexões e impressões sobre o PIBID na formação docente

Os pibidianos são inseridos no contexto escolar com atividades “periféricas” de acordo com sua personalidade e identificação, como tocar um acompanhamento, ajudar um aluno com dificuldades, ajudar na organização da sala, trazer instrumentos do depósito para a sala, ser exemplo nas atividades, tocando para os alunos. Aos poucos, vão desenvolvendo atividades mais complexas: aprendem a planejar e a desenvolver sequências didáticas, como atuar com os estudantes e como lidar com outras demandas que surgem no dia-a-dia escolar dos anos iniciais do Ensino Fundamental.

O planejamento é realizado nas reuniões semanais do PIBID. Nesse momento, são discutidos objetivos, conteúdos, atividades, dificuldades de aprendizado dos estudantes e possíveis soluções em conjunto com todo o grupo do PIBID-UnB/Música, como se fosse um estudo de caso. Em grupo, o caso é analisado e todos podem sugerir soluções para serem aplicadas em sala de aula.

Além de aprender a executar um planejamento, é na sala de aula que os pibidianos adquirem a habilidade de atuar com os estudantes e de lidar com muitas situações que atrapalham o desenvolvimento da aula. São demandas extramusicais que precisam ser resolvidas para que a aula possa prosseguir, tais como conflitos, incivildades e indisciplina: discussões, xingamentos, provocações, agressões físicas e verbais, furtos, exclusões que acontecem entre os estudantes no dia-a-dia escolar. Na prática, os pibidianos vão se apropriando de saberes de como enfrentar as situações difíceis do cotidiano escolar.

Nas práticas em sala de aula e nas reuniões semanais do PIBID, os pibidianos vão se tornando professores, aprendendo a planejar e atuar na sala de aula com um grupo de pessoas: professora supervisora, coordenadoras do projeto e demais colegas. Nesses espaços de

formação, planejam e aprendem a fazer escolhas de materiais pedagógicos e a perceber erros e acertos refletindo sobre a prática. Buscam metodologias que atendam às diversidades dos estudantes para que todos possam aprender que sejam criativas e motivadoras no processo ensino-aprendizagem.

Embora os pibidianos tenham uma experiência significativa em tocar instrumentos musicais e muitos já atuem como professores de música em contextos variados, eles aprendem que, no contexto da Educação Básica, “não basta saber tocar” ou ensinar da “mesma forma como aprenderam” (PENNA, 2007). Eles aprendem que para se tornarem professores de música são necessários saberes pedagógicos, musicais e extramusicais.

A inserção dos pibidianos na prática docente tem sido muito significativa para eles. Mesmo que alguns sejam inexperientes ou tímidos, vão encontrando formas de se aproximar dos estudantes fazendo as atividades propostas juntamente com eles. Gradualmente, vão se tornando mais proativos, atuando com mais desenvoltura, encontrando maneiras de participar mais ativamente das aulas, seja planejando, socializando saberes, refletindo sobre sua atuação e observações da aula.

Referências

BEZERRA, Veronica Gurgel. *Os professores de instrumentos e suas ações nas escolas parque de Brasília: uma pesquisa descritiva*. Dissertação (Mestrado em Música). Universidade de Brasília, Brasília, 2014.

CRUVINEL, Flávia. *Efeitos do Ensino Coletivo na Iniciação Instrumental de Cordas: a educação musical como meio de transformação social*. Dissertação de Mestrado. Goiânia: Universidade Federal de Goiás, 2001

DISTRITO FEDERAL. Portaria nº 384, de 23 de novembro de 2016. Estratégia de Matrícula 2017. Rede Pública do Distrito Federal, 2016.

MARQUES, Olívia Augusta Benevides. *Pequenos enredos nas Escolas Parque de Brasília: o que contam as crianças sobre a aula de música*. 104f. Dissertação de Mestrado. Brasília: Universidade de Brasília, 2016.

MATEIRO, T.; ILARI, B. (Org.). *Pedagogias em educação musical*. Curitiba: Ibpex, 2011. (Série Educação Musical).

MONTANDON, Maria Isabel. *Aula de piano e ensino de música: análise da proposta de reavaliação da aula de piano e sua relação com as concepções pedagógicas de Pace, Verhaalen e Gonçalves*. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 1992.

PENNA, Maura. Não basta tocar? Discutindo a formação do educador musical. *Revista da ABEM*, Porto Alegre, n.16, p. 49-56, 2007.

SWANWICK, Keith. Permanecendo Fiel a Música na Educação Musical. In: ENCONTRO ANUAL DA ABEM, 2., 1993, Porto Alegre. *Anais...* . Porto Alegre: Abem, 1993. p. 19 – 32.